

AU PARADIS RETROUVÉ – O BORDEL CIVILIZADOR

Beatriz Rota-Rossi

Docente FaAC, Universidade Santa Cecília (UNISANTA)

“Fazer a América”, era esse o sonho dos imigrantes que nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX chegavam ao Brasil.

A cidade de São Paulo encontrava-se em plena modernização, impulsionada pelo poder econômico da aristocracia cafeeira, que ansiava pertencer a um mundo mais civilizado, mais europeu, cosmopolita, enfim.

Abriam-se ruas, encostas eram dinamitadas para estender viadutos e trilhos de ferro sulcavam os espaços antes cobertos por bucólicos jardins.

Os novos tempos chegavam. Ao ritmo monótono do bonde misturava-se a balbúrdia das marteladas dos lavradores de pedras de cantaria, dos gritos dos vendedores ambulantes e os dos habitantes dos cortiços. Novos tempos de um processo civilizador que, no entanto, não extirpa valores conservadores, provincianos e moralistas de seus habitantes.

Devido à riqueza circulante, São Paulo foi o centro de interesse de imigrantes espanhóis, poloneses, italianos, alemães, e tantos outros. Com eles chegaram as “cocottes”, as “cafetinas”, as “russas”, as “polacas” e as “francesas” – tão cobiçadas, e também, inconscientemente, incumbidas de completar a função civilizadora.

“Essa ‘função civilizadora’ modificava os espaços sociais da cidade, pelo menos, nas primeiras décadas do século XX, quando as prostitutas de “alto-bordo” eram vistas nos mesmos locais das famílias.” (JANOVITCH, 1998, p. 97).

Foi numa dessas levas que apareceu Pommery, ou melhor, Madame Pommery.

Se sua história chegou até nossos dias, e com ela a descrição da vida dos prazeres ilícitos da São Paulo da “belle époque”, foi graças a Hilário Tácito, escritor pré-modernista, que aproveitou a biografia da *cocotte* para falar com ironia dos costumes paulistanos.

Ida Pomerikowsky, verdadeiro nome de Madame Pommery, nasceu na Espanha ou na Polônia, filha de um domador circense e de uma noviça espanhola. Quando criança, foi abandonada pela mãe, que fugiu com um toureiro, e educada no circo, onde se apresentava como dançarina e domadora. Aos quinze anos, foi

estuprada por um velho, um rico empresário de Praga. O pai de Ida aproveitou a malvadez para arrancar 9 mil coroas do velho, dinheiro que a menina subtraíu do bolso paterno e utilizou para correr o mundo.

Depois de muitas aventuras, galantes ou não, chegou ao porto de Santos e instalou-se em São Paulo, onde montou um prostíbulo de luxo, "*Au Paradis Retrouvé*" (Ao Paraíso Reencontrado), acariciando o sonho de ser sustentada, ou mesmo se casar com um coronel do café.

As casas de diversões paulistanas da época ofereciam uma caótica mistura de espetáculos: boxeadores, equilibristas, mágicos, halterofilistas e atletas especializados em luta romana, o esporte da moda.

A Rua de São João era o corredor da vida leviana da cidade. "Na altura onde a Rua de São João avistava a Líbero Badaró, impunham-se outros divertimentos, com destaque para o Cassino Paulista, como café-concerto. Foi em seu palco que Sar-Farah chocou o público paulistano deixando à mostra toda sua nudez". (JANOVITCH, 1998, p. 98.)

Na cidade, Ida Pommerikowsky, agora Madame Pommery, já balzaquiana e rechonchuda, trabalha como bailarina e prostituta no Hotel dos Estrangeiros, onde ganha fama pela sua simpatia e seus dotes no exercício da profissão.

O Coronel Pinto Gouveia foi o pato escolhido, dentre outros interessados na *cocotte*. Era um freguês apaixonado e rico que, depois de uma noite de esbórnica, emprestou dinheiro suficiente para que Pommery montasse um bordel de alto luxo, perto do Largo do Paiçandu.

As "meninas" de Madame Pommery eram devidamente orientadas para escolher clientes capazes de desembolsar altas somas pelos serviços prestados. Para tanto, deveriam basear-se nos locais por eles frequentados, como o Café Guarani, a Confeitaria Castelões, o Teatro Santana, o Cassino Paulista e o bar do recém-construído Teatro Municipal.

Quando as "senhoras de bem" se retiravam para desfrutar de um sono tranquilo, as "meninas" iniciavam seu desfile e o *Paradis Retrouvé* era invadido por homens de todas as profissões: jornalistas, escritores, músicos, advogados políticos, coronéis, dentre outros. Realizavam-se negócios milionários. Discutia-se sobre tudo. Brigava-se por pouco, enquanto mulheres nuas se exercitavam na luta livre, a coqueluche do momento. O álcool e os entorpecentes (a cocaína estava na moda) esquentavam os ânimos.

O perfume francês invadia os ares de São Paulo. A cerveja dava lugar ao champanhe. As jovens senhoras paulistanas ensaiavam novas maquiagens,

chapéus *cloches* com minúsculos *aigrettes*, vestidos “à *Poiret*”– roupas sem espartilhos, de musselina leve e transparente, que deixava entrever as formas do corpo, curtas o suficiente para mostrar os tornozelos. Exibiam-se à moda de Paris, orientadas pelas vestimentas das “meninas” da Pommery.

Madame Pommery, já quarentona, brilhava. Satisfeita com seu empreendimento, atendia a todos com o mesmo cuidado. Bastava pagar e sonhar – o nome Pommery representava um genial golpe de marketing que induzia ao devaneio. Pommery! O champanhe do suco verde das uvas orvalhadas nas encostas de Reims! E o batismo dos neófitos endinheirados! Era realizado na casa da Madame – um banho numa banheira borbulhante de champanhe.

Alguns escândalos ligados especialmente ao tráfico de drogas aumentavam o interesse pelo bordel – uma prostituta quase morreu de overdose; e um tal de Romano, um motorista de táxi protegido da Madame, conhecido pelo seu comportamento marginal, alimentava as conversas à boca pequena da opinião pública. Madame nada temia, sua casa era frequentada pelas autoridades da alta nata.

Enquanto isso, a cidade continuava em sua busca febril pelo progresso. A Avenida Paulista, que tinha sido apedregulhada em 1894, ganhava o macadame em 1903 e viria a ser a primeira via pública asfaltada e arborizada em São Paulo. A vida noturna de alto padrão transferiu-se à nova avenida, junto com o acirramento de uma mentalidade hipócrita. À medida que a economia ganhava fôlego e os novos ricos se fortaleciam, o preconceito latente irrompia e alienava empreendimentos como o do *Paradis Retrouvé*. A prostituição seria empurrada para a periferia, para a escuridão das esquinas pouco transitadas pelas classes abastadas. Devia manter-se oculta aos olhos do novo paulistano, que desejava esquecer o passado civilizatório.

Para o iminente fim da casa colaborou a diversificação de opções de divertimentos, incluindo o cinematógrafo, uma das paixões de Madame Pommery e suas “meninas”.

Detectando um futuro decadente, Madame Pommery arquitetou outro golpe de marketing – vendeu o *Paradis* e no Bar do Teatro Municipal anunciou que iria escolher marido.

Casou-se (?) com um homem de posses e voltou a São Paulo, depois de uma longa viagem de lua de mel. Era outra Pommery, aristocrata e recatada.

Bibliografia

BARRETO, Lima. **Madame Pommery**. Disponível em JANOVITCH, Nos tempos de Pommery. **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**, São Paulo, n. 05, p. 97-101, jan. 1998.

<[pt.wikisource.org/wiki/Madame Pommery](http://pt.wikisource.org/wiki/Madame_Pommery)> Acesso em: 2 nov. 2009.

NOVAES, Fernando A. (org) **História da vida privada no Brasil**. 3 v. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

REZENDE, Neide. **A Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Ática, 1996.

TÁCITO, Hilário. **Madame Pommery**. São Paulo: Ática, 1998